

■ Federação Catarinense censura protestos anti-Teixeira

A Federação Catarinense de Futebol ameaçou tirar do estádio torcedores que demonstrassem descontentamento com o Presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira. A advertência veio após torcedores organizarem pela internet uma série de protestos durante diversas partidas do Campeonato Brasileiro. No caso de Santa Catarina, os protestos ocorreriam durante o duelo entre Figueirense e Avaí, em Florianópolis. A posição da entidade tem apoio dos presidentes dos dois clubes.

Por meio de nota em seu site oficial, a entidade esportiva citou vários artigos do Estatuto do Torcedor, como o 13-A, inciso IV: "São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo sem prejuízo de outras condições previstas em lei" - IV - "não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenofóbico". Deixar de cumprir tais regras pode fazer com que o torcedor seja retirado do estádio ou mesmo impedido de entrar.



© Cristiano Andajajar/Futura Press

Apesar da censura, torcedores levantam cartazes contra Ricardo Teixeira durante jogos em Santa Catarina

■ Senado libera o capital estrangeiro nas TVs

O Senado Federal aprovou em agosto o PLC 116, que extingue impedimentos para a participação do capital estrangeiro nas empresas de TV a cabo e abre este mercado às operadoras de telecomunicações. A lei também prevê a criação de cotas para programas de conteúdo brasileiro na grade das emissoras. Para que a lei seja de fato aprovada e posta em prática, resta apenas que a presidente Dilma Rousseff a sancione.

O único senador a votar contra o projeto foi o líder do DEM, Demóstones Torres (GO), que considera a criação de cotas de conteúdo nacional como "censura". Seu discurso é apoiado pelos grandes grupos de televisão a cabo, que já chegaram a fazer inserções de protesto contra as cotas, afirmando que tal medida poderia causar uma precarização da programação.

■ Rede pública de MG dá aulas na TV para compensar greve dos docentes

Superando todas as expectativas com o famigerado "jeitinho brasileiro", eis a inédita solução para a mais longa greve de professores em Minas Gerais desde 1990: aulas pela televisão. A emissora estatal "Rede Minas" irá transmitir, a partir do próximo dia 17, um programa chamado "Plantão Enem", que visa preparar os alunos prejudicados devido à paralisação de professores, para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). As matérias vão desde matemática e português, até filosofia, espanhol e redação. Isso em dois minutos por dia, de segunda à sexta, e 1h30 aos sábados, o que não chega a 7% da carga horária semanal de um estudante do ensino médio. Sem contar que não há como controlar a frequência através da audiência.

A paralisação conta com a adesão de 50% da rede estadual. Professores e servidores da Educação reivindicam o pagamento do piso salarial nacional, enquanto o Governo alega pagar até mais, na forma de bonificações, férias e 13ºs. A Federação das Associações de Pais e Alunos de Escolas Públicas de Minas Gerais (Fapaemg) quer entrar na Justiça para o adiamento do Enem, mas o ministro da Educação, Fernando Haddad, foi categórico ao adiantar que "Enem é um exame nacional, e não estadual". O governador de Minas Gerais, Antônio Anastasia (PSDB) tentará outro acordo com professores nos próximos dias. Os estudantes que têm condições optam por ingressar em cursinhos pré-vestibulares, enquanto que para os demais as chances de obter um bom resultado no Enem vão ficando cada vez menores, assim como o sonho de muitos, de conseguir uma vaga na universidade através do programa Universidade para Todos (Prouni). Apesar disso, de forma geral, o "Plantão Enem" é visto com bons olhos, talvez como uma "luz no fim do túnel", já que a situação não tem previsão para ser solucionada.

■ Fome na África escancara o cinismo das grandes potências

Até 750 mil pessoas podem morrer de fome em quatro meses na Somália. Foi o que divulgou a ONU no último dia 5 de agosto. A subnutrição infantil chega a um nível recorde de quase 60%; seis áreas do país já são consideradas zonas de fome. Enquanto isso, a quantidade anual de comida jogada fora pelos EUA e pela Europa poderia alimentar três vezes a população mundial todos os dias. Somente com a comida que jogamos fora diariamente no Brasil, daria para um quinto de nossa população tomar café da manhã, almoçar e jantar, conforme dados publicados pela revista Galileu em agosto de 2010. Como isso é possível?

Uma pista é o fato de que os financiadores dos programas de erradicação da fome, como o próprio "Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas" são Estados burgueses, amigos íntimos dos grandes latifúndios. Os monopólios do setor de alimentação vêm crescendo cada vez mais, enraizados em um sistema capitalista moldado por um viés inescrupulosamente ambicioso. Ou seja, quanto mais se produz, pior para quem não puder comprar. As constantes guerras são outro fator que contribui para o estado de miséria no qual vivem os africanos, pois exigem gastos de milhões de dólares. Além disso, é por demais ingênuo culpar os problemas climáticos decorrentes da região, como as secas. Se em Dubai Sheiks criam ilhas artificiais, qual a dificuldade em cultivar alimentos na África? A mesma de abrir mão do poder e do dinheiro a qualquer custo.

■ Exército reprime moradores do Complexo do Alemão

Começou com um pedido simples e terminou em violência. Assim foi o conflito entre moradores do Complexo do Alemão e soldados do Exército, que há meses ocupam a área. Segundo moradores, a briga teria começado quando os militares pediram que o volume de uma televisão fosse diminuído: ignorados, eles desligaram o som. Foi aí que começou a revolta. Seguindo uma prática comum das PMs, os soldados responderam aos protestos com balas de borracha, spray de pimenta e cacetetes. Reproduzindo também outra prática comum, as balas foram disparadas contra qualquer um: incluindo mulheres e crianças. Para divulgar os resultados do confronto, os próprios moradores divulgaram fotos e vídeos na internet. O veículo Voz da Comunidade, famoso por sua cobertura durante a ocupação do Complexo pelo exército, tuitou em tempo real as ações dos soldados contra a população.



Soldados abusam da força em favela carioca